

**NOVO CONTRIBUTO PARA A COMPREENSÃO DA VIDA E OBRA DE
MANUEL DE FARIA E SOUSA**

Joaquim Luís Costa

CERT - Centro de Estudos do Românico e do Território

joaquim.costa@valsousa.pt

Resumo

Manuel de Faria e Sousa, um dos portugueses mais eruditos de seiscentos, viveu a maior parte da sua vida em Espanha, num dos períodos mais agitados do reino português: a dinastia filipina e a sequente independência de Portugal em 1640. Aquando da Restauração da Independência, o escritor não regressou ao país de origem, surgindo duas versões sobre o assunto sendo a tónica colocada especialmente na falta de lealdade para com o novo monarca português, D. João IV.

Uma vez analisados vários factos a favor e contra, considerámos legítimo que Faria e Sousa tenha sido fiel aos monarcas castelhanos muito devido às ligações familiares e profissionais que o escritor manteve com o reino vizinho. Apesar desta possibilidade, que obsta a versão por nós defendida num estudo publicado em 2012, a análise à sua obra literária permite verificar que foi objetivo de Faria e Sousa enaltecer o reino português através da valorização da história e da cultura nacional.

Concluimos, deste modo, que a obra literária do autor pode ser encarada como um fator adicional para se conhecer melhor o escritor e o sentimento que nutria pela sua pátria.

Palavras-chave: Manuel de Faria e Sousa (1590-1649); Restauração da Independência Portuguesa; Literatura portuguesa seiscentista; Luís Vaz de Camões (c.1524-1580).

Abstract

Manuel de Faria e Sousa, one of the most scholar Portuguese personality of the 15th century, lived most of his life in Spain at one of the most turbulent periods of the Portuguese kingdom: the Philippine dynasty and subsequent restoration of Portuguese independence in 1640. At the time of the Restoration of Independence the writer did not return to his country of origin. Two versions of the happening arose, with emphasis mainly on the lack of loyalty towards the new Portuguese monarch, King John IV.

After analysing the arguments for and against, we consider legitimate that Faria e Sousa remained loyal to the Spanish monarchs mostly due to the familiar and professional relationships that the writer maintained in the neighbour kingdom. Despite this possibility, which precludes the version defended by us in a study published in 2012, the analysis of its literary Works allows to establish that it was Faria e Sousa intention to praise the Portuguese kingdom through the appreciation of the national history and culture.

It is therefore concluded that the literary Works of the author can be faced as an additional factor for a better understanding of the writer and his feelings towards his home nation.

Keywords: Manuel de Faria e Sousa (1590-1649); Portuguese Restoration of Independence; Portuguese literature of the 17th century; Luis Vaz de Camões (c.1524-1580).

1. Sumário biográfico

Filho de Amador Pires de Eiró e de Luísa de Faria e Sousa, Manuel de Faria e Sousa nasceu no couto de Pombeiroⁱ, a 18 de março de 1590 (Sousa, 1646). De sua mãe, recebeu os seus dois apelidos: *Faria* de seu avô, Estácio de Fariaⁱⁱ, e *Sousa* de seu visavô, Manuel de Sousa Homem (Martín, 1987).

Embora desde muito cedo os seus progenitores pretendessem que ele seguisse a vida religiosa - tendo sido o motivo para ir estudar lógica, história e poesia em Braga (Martín, 1987) ou em Refojos de Basto (Costa, 2012) e, mais tarde, secretariar Gonçalo de Moraisⁱⁱⁱ, 41º bispo da diocese do Porto, entre 1602 e 1617 - Faria e Sousa desejava um outro rumo para a sua vida.

Sabendo das suas qualidades intelectuais, Pedro Álvares Pereira, conde de Muge, que exercia as funções de secretário do Conselho de Estado de Filipe III de Espanha, convida Faria e Sousa para seu secretário particular. Com vinte e nove anos de idade, Faria e Sousa parte para a capital madrilenha (Martín, 1987). Exerceu o cargo até 5 de agosto de 1622, data em que o conde de Muge morreu.

Sem trabalho, decide regressar a Portugal (Martín, 1987), não ficando contudo desocupado. O marquês de Castelo Rodrigo, D. Manuel de Moura Corte-Real, precisando de alguém que escrevesse a sua genealogia familiar, requisita os serviços de Faria e Sousa. Este acaba por ser um desafio que levará a um outro: o referido marquês, tendo sido nomeado embaixador do reino junto do papa Urbano VIII, convida-o para desempenhar o cargo de secretário da embaixada em Roma (Correia *et al.*, 1942). A 11 de outubro de 1631, Faria e Sousa parte para Itália (Moreno Porcel, 1650).

Por razões não inteiramente compreendidas^{iv}, a 28 de junho de 1634, opta por voltar a Madrid. Todavia, passado um mês é preso por suspeita de conspiração contra a monarquia filipina (Moreno Porcel, 1650). Uma vez esclarecida a sua inocência, Faria e Sousa é posto em liberdade a 17 de outubro (Torres, 1990), mas com residência obrigatória em Madrid (Correia *et al.*, 1942).

Em 1647, adoece gravemente, não mais se restabelecendo. Morre a 3 de junho de 1649, sendo sepultado em Madrid, no dia seguinte à sua morte (Correia *et al.*, 1942). Em 1660, os seus restos mortais foram trasladados para Pombeiro, a sua terra-natal.

2. Ser ou não leal a Portugal Restaurado

A história de Manuel de Faria e Sousa não é tão simples como o exposto no sumário biográfico. Uma revisão de literatura sobre o escritor revela que a sua vida e obra têm sido avaliadas com base na sua lealdade ou não à coroa portuguesa aquando da Restauração da Independência. Pela resenha biográfica apresentada, aquando do evento de libertação, ocorrido a 1 de dezembro de 1640, Faria e Sousa residia em Madrid, não regressando a Portugal.

No estudo desta questão, devemos primeiramente observar as divisões que se faziam sentir nos portugueses residentes em Espanha, porquanto o exemplo de Faria e Sousa não foi um caso isolado. Ao contrário do que correntemente se advoga, o

primeiro dia de dezembro de 1640, não foi um movimento unânime a favor de D. João IV.

Por receio de Portugal ser novamente recuperado pelos castelhanos ou pelas dificuldades em cortar os laços com o juramento feito a Filipe IV de Espanha, inúmeros nobres e clérigos rejeitaram voltar por muitas ofertas ou perdões que oferecesse o monarca restaurador (Raimundo, 2016). Os condes de Sabugal, Prado, Linhares, Castro Daire e Miranda ou os bispos do Porto e de Évora e o deão de Lisboa são exemplos dessa recusa (Raimundo, 2016).

No caso particular de Faria e Sousa, ainda que exista a versão defendida por Correia *et al.* (1942) que o escritor ficou na capital madrilenha contra a sua vontade, sendo secundado por Martín (1987) quando expõe que Faria e Sousa procurou, por diversas vezes, regressar à sua pátria, sendo-lhe constantemente indeferida a sua pretensão, estes dados não impediram uma outra interpretação do seu não regresso.

Vários autores nacionais como Camilo Castelo Branco (1900) e Teófilo Braga (1984) argumentam que o seu não regresso prova a falta de patriotismo de Manuel de Faria e Sousa. Eduardo de Freitas escreveu que o escritor foi "mau português ao serviço dos Filipes" (Freitas, 1985:246). Mais recentemente, frei Geraldo Coelho Dias intitulou-o como um "espanófilo" (Dias, 2002:383). Autores estrangeiros, como o caso de Wilhelm Storck (1897) e Marcelino Menéndez y Pelayo (Wade, 2009) também se apresentam como críticos do autor sobre o mesmo assunto.

De facto, existe uma série de circunstâncias que ajudam a promover a teoria de que Faria e Sousa não regressou porque optou por ser fiel aos reis castelhanos.

Primeiro, o seu parente e protetor, Gonçalo de Morais, foi um prelado muito próximo da dinastia filipina, sendo mesmo um espanófilo assumido^v (Dias, 2002). Ou seja, este prelado pode ter influenciado Faria e Sousa para uma visão subalterna de Portugal em relação a Espanha.

Em segundo lugar, os laços familiares com o reino vizinho. Quer a sua esposa, quer os seus filhos residiam em Madrid. Aliás, o seu filho mais velho, Pedro de Faria e Sousa, estava casado com D. Luísa de Narvais (Freitas, 1985), uma espanhola, sendo um fundamento aceitável para não regressar.

Em terceiro lugar, a realização profissional como tanto desejava. Foi em Madrid que Faria e Sousa se realizou profissionalmente, mediante o exercício de ofícios junto da dinastia filipina e a publicação de parte da sua obra literária, como teremos a oportunidade de analisar no capítulo seguinte.

Por fim, a documentação coeva a estes acontecimentos não é esclarecedora, alimentando a dúvida. O autor nunca disse publicamente que preferia Madrid a Lisboa. Todavia, na biografia do autor, escrita pelo espanhol Moreno Porcel, é referido que Faria e Sousa foi fiel aos monarcas castelhanos (Costa, 2012) mas alude, também, que o escritor desejava morrer em Portugal (Costa, 2012).

Com base nestas circunstâncias, é verossímil ponderar a hipótese de Faria e Sousa ter sido simpatizante da manutenção de Portugal na União Ibérica e, por conseguinte, fiel a Filipe IV de Espanha, declinando deste modo a lealdade a Portugal pós-1640.

Apesar da hipótese formulada, continuámos a considerar como válida a nossa teoria defendida no estudo *Manuel de Faria e Sousa: cidadão do mundo e das letras ao serviço de Portugal*^{vi}, publicado em 2012. Baseando-nos em opiniões que apontam no mesmo sentido, como as de António Correia *et al.* (1942) e de Ruy d'Abreu Torres (1990), somos a crer que o escritor desejava voltar para Portugal mas foi impedido de o fazer. Perante esta imposição, funcionou como informador ao serviço do monarca restaurador sobre os atos e ações da monarquia filipina (Costa, 2012).

Devemos reconhecer, contudo, a dificuldade em sustentar o argumento de Faria e Sousa ter ficado em Madrid como *espião*, muito devido à falta de provas documentais inequívocas ainda que, em 1651, D. João IV tenha concedido a Pedro de Faria e Sousa, filho do escritor, uma tença de 50 mil réis, no Reguengo de Aguiar. Este ato régio tem sido encarado como um indício das verdadeiras intenções para Faria e Sousa não regressar ao reino português (Costa, 2012). Isto é, na impossibilidade de compensar o pai pelos serviços prestados como informador, o monarca restaurador recompensou o filho.

Com o intuito de consolidar a nossa teoria, recorreremos a um novo argumento, sendo a sua imensa obra literária. Na escrita, Faria e Sousa apresenta-se como um autor cujo objetivo é valorizar o reino onde nasceu.

3. A valorização de Portugal pela escrita

Manuel de Faria e Sousa possuía uma vastíssima erudição e uma grande facilidade para a escrita (Martín, 1987; Serrão, 1992). Estas suas qualidades começaram a manifestar-se nos seus tempos de criança (Costa, 2016). Com apenas dez anos, o seu mestre na escola bracarense já lhe pedia para fazer cópia da comédia *Ursón e Valentín* de Lope da Vega^{vii} (Martín, 1987). Com os seus quinze ou dezasseis anos lia livros de entretenimento como *Primavera* de Rodrigues Lobo^{viii}, *Diana* de Jorge de Montemayor^{ix} ou *La Arcadia* do já citado Lope da Vega (Martín, 1987).

Aplicava-se energicamente a vários projetos literários em simultâneo, em que umas obras sugeriam-lhe outras (Lemos, 2003). Por exemplo, a obra poética *Albania*, iniciada em 1612, só ficou terminada após vários anos (Moreno Porcel, 1650). E nada o conseguia interromper, nem mesmo a prisão. Quando em 1634 regressa a Madrid e é preso, mesmo enclausurado não se deixou desanimar e durante a detenção continuou a escrever, especialmente os seus comentários sobre Luís de Camões (Martín, 1987).

Parte considerável desta intensa atividade chegou até aos nossos dias. Temos referências^x a treze obras históricas e outras tantas de poesia, a sete de comentário, a cinco traduções, a três análises biográficas, a uma novela e a outras duas obras de assuntos diversos (Costa, 2016). Todas estas obras foram maioritariamente redigidas em castelhano.

Por esta descrição numérica, fica evidente que a sua maior dedicação foi à história e poesia, sendo que estes dois géneros literários totalizam mais de metade de toda a sua obra monográfica.

Para as obras históricas, Faria e Sousa procurou inspiração em João de Barros^{xi}, Diogo de Couto^{xii} e em frei Bernardo de Brito^{xiii}. Estas influências são visíveis em *Asia portuguesa* que, para o primeiro tomo, o escritor recolheu conteúdo às *Décadas* de João de Barros, enquanto para os tomos segundo e terceiro recorreu-se de Diogo de Couto (Almeida, 1945). Na obra *Europa portuguesa*, Faria e Sousa opta por seguir Bernardo de Brito (Bonilha, 2011).

Nesta vertente historicista, observámos a intenção de Faria e Sousa de redigir uma história geral de Portugal. *Epitome de las historias portuguesas*, publicada em Madrid em 1628, marca o começo deste projeto, seguindo-se os volumes dedicados à *Asia*, à *Europa* e à *Africa portuguesa*, sendo estes três volumes editados após a sua

morte. Chegou a fazer um outro designado de *America portuguesa* que narra a história do Brasil, mas encontra-se desaparecido (Costa, 2016).

Na poesia, o outro género literário mais trabalhado a par da história, de destacar as obras dedicadas a Luís de Camões^{xiv}, sendo que o texto *Fuente de Aganipe y várias rimas* posiciona o escritor na corrente camoniana, vertente lírica (Saraiva e Lopes, 1989).

Centrando especialmente esta análise nos seus trabalhos históricos e poéticos, considerámos que o objetivo perseguido por Faria e Sousa foi enobrecer Portugal numa altura em que vivia em União Ibérica com o reino vizinho. Na nossa opinião, para o demonstrar, utilizou temas como Deus e Luís de Camões. Analisemos, agora, o primeiro tema.

Devemos considerar que o uso de Deus como tema está intimamente relacionado com uma pessoa bastante crente, que acredita na providência divina. Tal facto encontra-se atestado no prólogo de *Rimas várias*, quando o autor refere-se à Sagrada Escritura como o supremo padrão da literatura, considerando que nenhum homem tinha a capacidade para escrever aquele livro (Lemos, 2003). Elogia, desta forma, a força inspiradora de Deus. Todavia, Faria e Sousa vai ainda mais longe quando, no tomo primeiro de *Europa portuguesa*, o próprio se apresenta como um forte defensor da Igreja e da religião católica, efetuando frequentes críticas às heresias e aos seus praticantes, incluindo censuras às outras religiões, como ao islamismo e ao judaísmo (Sousa, 1678).

Não será assim de estranhar que o homem devoto, coloque Deus nas origens do reino português. Isto é perceptível na preocupação do escritor em inserir Portugal na história bíblica, graças à menção de personagens como Noé e seus descendentes. O Dilúvio marca o começo da história de Portugal:

"Castigado el mundo con la inundacion universal de las aguas, serenado el Cielo, restituidos à su harmonia los elementos, descansò sobre las puntas de Ararath [sierra notable en las de Armenia] el Area, en que tantos dias por olas temerosas se avia fatigado la esperanza de la propagacion humana. Saliò della Noe ofreciò holocausto à Dios" (Sousa, 1678:31).

Dentro deste intuito de conferir a Portugal uma origem messiânica e, por consequência, uma criação abençoada por Deus, Faria e Sousa continua a relacionar

personagens bíblicas ou mitológicas como Osíris ou Ulisses com as origens de Portugal, sendo que este último terá fundado Lisboa (Oliveira e Megiani, 2008):

"Ulysses que en ella con sus astucias se avia singularizado do mucho, acaudillando un troço de la Flota Griega, vino corriendo toda la marina setentrional del Mediterraneo, asta que desbocando por el Estrecho Herculeo, y bolviendo sobre la Ocidental, o mar de España, sue a descubrir la entrada que en el haze el caudaloso Tajo" (Sousa, 1678:66).

Mas, a intervenção Divina não se fica por Noé ou Ulisses. O escritor usa-a para descrever outros episódios da história de Portugal, como no caso da batalha de Ourique (Oliveira e Megiani, 2008). No segundo tomo de *Europa Portuguesa*, o escritor descreve este acontecimento ocorrido em 1139, quando D. Afonso Henriques se recolheu para falar com Deus, lendo na bíblia a história de Gedeão^{xv}. Quando amanheceu, houve muita claridade e Jesus Cristo apareceu a D. Afonso Henriques, com muitos anjos. Esta acabou por ser a força que faltava para que os portugueses alcançassem a vitória. Após a batalha, o escritor refere que D. Afonso Henriques foi coroado rei, título dado por Deus e reconhecido pela Igreja (Oliveira e Megiani, 2008).

Neste episódio destacamos a clara aproximação que Faria e Souza faz do acontecimento lendário ocorrido com o primeiro rei de Portugal e a história de Gedeão descrita no livro dos Juízes (Jz):

"O anjo de Javé apareceu a Gedeão e disse-lhe: «Javé está contigo, valente guerreiro!»" (Jz, 6,12) / "Então Javé voltou-Se para Gedeão e disse: «Vai. Com as tuas próprias forças, salva Israel dos madianitas. Sou eu que te envio»" (Jz, 6,14) / "Javé disse-lhe: «Eu estarei contigo e tu derrotarás os madianitas como se fossem um só homem»" (Jz, 6,16) / "Gedeão perseguiu-os e capturou os dois reis de Madiã" (Jz, 8, 12) / "Os israelitas disseram a Gedeão: «Sê nosso rei, e depois de ti teu filho e o teu neto, pois nos salvaste dos madianitas»" (Jz, 8,22)^{xvi}.

Consequência desta intenção de relacionar Deus e o reino português evidencia-se inclusive em *Epítome de las historias portuguesas* quando, ao comparar diversos reinos católicos, classifica a França como o átrio da Igreja católica, Itália a nave da mesma igreja, Espanha a capela-mor e Portugal é associado ao Sacrário (Sousa, 1677). Ou seja, para Manuel de Faria e Sousa o último reino citado era o centro da cristandade.

Como se encontra no epicentro da cristandade, Portugal teria de ter um papel fulcral na expansão da fé católica. A intenção reflete-se nas ações portuguesas realizadas além-mar através de atos heróicos e religiosos. Em *Asia portuguesa*, o

escritor argumenta que os portugueses foram os pioneiros da civilização cristã através dos descobrimentos ultramarinos, fazendo-o com todo o seu zelo apostólico e espírito de missão (Almeida, 1945). Esta ideia encontra-se também patente em *Império de la China y cultura evangelica* na qual a terceira parte é dedicada à obra missionária da Companhia de Jesus na China. Os portugueses surgem assim como os realizadores da obra de Deus no mundo de então. Como conclusão, o povo português tinha uma missão: lutar contra os povos não cristãos. Esta situação é inclusivamente manifestada em *Africa portuguesa* onde o autor refere o carácter da missão religiosa dos portugueses quando relata que este reino nunca deixou de inquietar os inimigos da fé católica (Sousa, 1681), mostrando a sua admiração por um pequeno reino (Portugal) conseguir dominar "las quatro Partes del Mundo" (Sousa, 1681:2).

Por seu turno, as obras poéticas de Faria e Sousa demonstram similarmente, como verificado no campo historiográfico, a sua dedicação a Portugal. Por exemplo, no prólogo de *Fuente de Aganipe e rimas varias*, o escritor reivindica para o seu país todas as prioridades no conjunto dos povos ibéricos (Cidade, 1989).

Nesta sua vontade de notabilizar Portugal, Faria e Sousa utilizou abundantemente a figura de Luís de Camões. Devemos notar que o escritor foi um devoto camonista tratando Camões como o "mi P." [meu Poeta] (Sousa, 1685:306). Camões teve diversos biógrafos como Pedro de Mariz ou Manuel de Severim de Faria. No entanto, um dos mais incondicionais seguidores do poeta maior nacional terá sido Manuel de Faria e Sousa. Aliás, o escritor nunca dissimulou o seu fanatismo por Camões. Pelo contrário, manifestou-o de todos os modos, chegando mesmo a espoliar de outros poetas portugueses e castelhanos tudo o que pareceria condizer com Camões. Ele desejava que o autor d'*Os Lusíadas* não fosse um vulto indeciso, mas sim uma figura inegável, bem balizada no tempo (Lemos, 2003) e que pudesse servir de modelo para o povo português.

Temos conhecimento de quatro trabalhos seus nas vertentes de comentário e poesia dedicadas a Camões, provando o compromisso de, através do enobrecimento da vida e obra do grande poeta português, exaltar o reino onde nasceu.

Por exemplo, deve-se a Faria e Sousa uma interpretação d'*Os Lusíadas* através de *Lusiadas de Luis de Camoens, príncipe de los poetas de España*, editada em Madrid, em dois tomos, no ano de 1639. Segundo Wade (2009), nesta obra Faria e Sousa

manifesta o seu carácter nacionalista em que o reino português e Lisboa são geograficamente superiores aos restantes povos e capitais.

O uso exagerado do pronome possessivo "nosso" - através de expressões como "nossa nação", "nosso reino", "nossa língua", "nosso mar", "nossa lealdade", "nosso valor", "nossa religião" ou "nossa história" - encarna segundo Wade (2009), a intenção de Faria e Sousa de afirmar a identidade nacional face à anexação espanhola.

Complementariamente, o mesmo autor adianta ainda que nas obras de Faria e Sousa, Portugal apresenta-se sempre como a nação protagonista, usando a língua castelhana como instrumento para promover a sua agenda patriota (Wade, 2009).

Para além da obra *Lusíadas de Luis de Camoens...* deve-se identicamente ao escritor nascido no couto de Pombeiro, a obra *Rimas varias de Luis de Camoens*, editada postumamente em 1685, em dois tomos. Este é um trabalho interessante não só pelos seus comentários à obra de Luís de Camões, mas sobretudo pela ampla biografia^{xvii} sobre o mesmo com dados até então desconhecidos. A estas informações juntou acrescentos e retificações que fez a diversos poemas que considerava serem da autoria de Luís de Camões (Saraiva e Lopes, 1989). Sobre este trabalho, Manuel de Faria e Sousa chegou a dizer que "yo doy [a Camões] todo lo que he hablado com sombra de suyo" (Martin, 1987:108).

Por sua vez, na égloga *Cintra*, Manuel de Faria e Sousa através de versos do próprio Camões, constrói a vida e morte do autor *d'Os Lusíadas* (Martin,1987).

Não obstante os seus escritos estejam direcionados para temas portugueses, os longos anos vividos em Madrid estão também presentes mas, com menor relevância, nomeadamente na poesia com *Epithalamio de los casamientos de los señores Marqueses de Molina* e em *Nenia e Pompa funeral de la reyna de Castilla, D. Isabel de Bourbon*, estas duas últimas obras escritas especialmente para a rainha D. Isabel de Bourbon. Sobre a história do reino onde viveu a maior parte da vida, deixou-nos a *Historia de España escrita por Apiano traducida en castellano*, uma tradução não editada (Costa, 2016).

Conclusões

Se sob o ponto de vista sociopolítico aferimos dúvidas sobre o que pensava Manuel de Faria e Sousa sobre a Restauração da Independência, em 1640, e se foi ou não fiel a Portugal Restaurado, devido a existirem factos que promovem a versão que terá sido partidário dos reis castelhanos, a leitura das suas obras já não o demonstra.

Conquanto o escritor se tenha dispersado por diversos géneros, a poesia e a historiografia foram aqueles onde mais se empenhou. Nestas obras, Deus e Luís de Camões são temas com particular importância. Constatámos assim o ato contínuo do escritor em escrever sobre o reino onde nasceu: Portugal foi abençoado pelo Divino, sendo o centro da Cristandade. Luís de Camões era o maior entre os maiores, sendo o poeta que melhor representava a identidade nacional.

Concluimos que na sua obra literária, o reino português era o centro de toda a sua atenção, sendo um elemento relevante que nos permite reforçar a nossa teoria defendida desde 2012: estando a pátria subjugada, o escritor demonstrou o seu orgulho e lealdade a Portugal através da valorização da história e da cultura nacional. Por tudo isto, Faria e Sousa certamente comoveu-se no dia 1 de dezembro de 1640.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. Lopes d'(1945) "Introdução" in SOUSA, Manuel de Faria (1945) *Asia portuguesa*. Lisboa: Livraria Civilização Editora.
- BELCHIOR, Maria Lourdes (2001) "Lobo (Francisco Rodrigues)" in *Enciclopédia Verbo luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, vol.18, p.155.
- BÍBLIA PASTORAL* (1993). Lisboa: Edições Paulinas, pp.288-293.
- BONILHA, Alexandra Cruz (2011) *Manuel de Faria e Sousa, historiador*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutoramento. Disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2011_AlexandredaCruzBonilha_VOrig.pdf, consultado em 20.06.2014.
- BRAGA, Teófilo (1984) *História da literatura portuguesa: renascença*. Lisboa: IN/CM, vol.2, p.373.
- BUESCU, M. L. C. (1998) "Barros (João de)" in *Enciclopédia Verbo luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, vol.4, pp.322-323.

- CARPIO, L. F. V. (1778) *Coleccion de las obras sueltas, assi en prosa, como en verso de D. Frey Lope Felix de Vega Carpio ... tomo XVII*. Madrid: Don Antonio de Sanchas.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1900) *Mosaico e Silva de curiosidades históricas, literárias e biographicas*. Porto: Livraria Chandron.
- CIDADE, Hernâni (1989) "Autonomia política" In *Dicionário de literatura*. Porto: Figueirinhas, vol.1, pp.77-78.
- CORREIA, António Mendes *et al.* (1942) "Faria e Sousa, Manuel de" in *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, vol. 10, pp.930-931.
- COSTA, Joaquim (2012) *Manuel de Faria e Sousa: cidadão do mundo e das letras ao serviço de Portugal*. Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território.
- COSTA, Joaquim (2016) "A violência literária contra Manuel de Faria e Sousa" in HERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Paula *et al.* *Las Violencias y la Historia*. Salamanca: AJHIS, 2016, pp.511-525.
- DIAS, Geraldo J. A. Coelho (2002) "O beneditino Gonçalo de Moraes, bispo do Porto, e a transformação artística da Capela-mor da Sé catedral" in *I Congresso sobre a Diocese do Porto: tempos e lugares de memória: actas - volume I*. Porto/Arouca: UP/FL - Universidade Católica, pp.364-392.
- DIOCESE DO PORTO (2016) *Cronologia Episcopal do Porto*. Porto: Diocese do Porto. Disponível em <http://www.diocese-porto.pt/cronologia/>, consultado em 02.11.2016.
- FREITAS, Eduardo de (1985) *Felgerias Rúbeas: subsídios para a história do concelho de Felgueiras*. 2.^a ed. Felgueiras: edição do autor, p.246.
- LEMOS, Ester de (2003) *Estudos portugueses*. Porto: Porto Editora.
- MARTÍN, A. L. (1987) *Manuel de Faria y Sousa, comentador de Os Lusíadas: um acervo de escritores italianos (SS.XIII-XVII)*. Granada: Universidad Granada. Tese de doutoramento.
- MATEUS, J. A. O. (2003) "Vega (Lope da)" in *Enciclopédia Verbo luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, vol.29, pp.160-162.
- MORENO PORCEL, Francisco (1650) *Retrato de Manuel de Faria y Sousa, cavallero del orden militar de Christo, y de la Casa Real*. Madrid.
- OLIVEIRA, M. A. (2001) "Montemenor (Jorge de)" in *Enciclopédia Verbo luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, vol.20, pp.500-501.

- OLIVEIRA, M. G.; MEGIANI, A. P. T. (2008) "A escrita da história de Portugal no século XVII: Manuel Faria e Sousa em Europa Portuguesa" in *XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão: Anais*. São Paulo: ANPUH/SP-USP.
- RAIMUNDO, Ricardo (2016) *Episódios da história de Portugal que não aconteceram bem assim...* Barcarena: Letras & Diálogos, pp.173-175.
- SARAIVA, António J.; LOPES, Óscar (1989) *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, pp.365.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1992) "Um felgueirense ilustre" in *Semanário de Felgueiras*, nº 6.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1998) "Brito (Frei Bernardo de)" in *Enciclopédia Verbo luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, vol.5, pp.346-347.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1999) "Couto (Diogo de)" in *Enciclopédia Verbo luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, vol.8, pp.366.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1628) *Epitome de las historias portuguesas*. Madrid: Francisco Martinez.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1642) *Império de la China y cultura evangelica en el por los religiosos de la compañía de Jesus, sacado de las noticias del padre Álvaro Semmedo de la própria compañía*. Madrid: Juan Sanchez.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1644) *Fuente de Aganipe y rimas varias*. 2ª ed. Madrid: Diego Flamengo.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1646) *Nobiliario del conde de Barcellos, D. Pedro, hijo del rey D. Dionis de Portugal traducido y castigado con nuevas ilustraciones de varias notas*. Madrid: Alonso de Paredes.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1649) *Fortuna, e vida de Manuel de Faria e Sousa cavallero del orden de Christo e de la casa real*.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1675) *Asia portuguesa: tomo III*. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1678) *Europa portuguesa: tomo I*. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1679) *Europa portuguesa: tomo II*. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1680) *Europa portuguesa: tomo III*. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello.

SOUSA, Manuel de Faria e (1681) *Africa portuguesa*. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello.

SOUSA, Manuel de Faria e (1685) *Rimas varias de Luis de Camoens: tomo I e II*. Lisboa: Theotonio Damaso de Mello.

STORCK, Wilherm (1897) *Vida e obras de Luis de Camões: primeira parte*. Lisboa: Academia Real de Sciencias, 1897, p.30.

TORRES, Rui Abreu (1990) "Sousa, Manuel de Faria e" in *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, vol.5, pp.76-77.

WADE, Jonathan William (2009) *Early modern Iberian landscapes: language, literature, and the politics of identity*. Nashville (Tennessee): Vanderbilt University: Faculty of the the Graduate School. Tese de doutoramento.

ⁱ Atualmente, Pombeiro é uma freguesia do concelho de Felgueiras, norte de Portugal.

ⁱⁱ Filho de Catarina de Faria e de Manuel de Sousa Homem foi soldado, funcionário da Fazenda Real (Braga, 1984) e amigo de Luís de Camões.

ⁱⁱⁱ Para Castelo Branco (1900) e Martín (1987), Gonçalo de Morais era familiar de Amador Peres Eiró e segundo Dias (2002) Faria e Sousa seria mesmo afilhado do referido bispo.

^{iv} Existem várias versões para o regresso: Correia *et al.* (1942) justificam-no por razões de saúde, enquanto Lopes d'Almeida (1945) escreve que o escritor estava descontente com a vida que levava na cidade romana. Martín (1987) levanta a questão de querer regressar a Espanha para denunciar D. Manuel Moura que estaria a intentar ações contra a coroa espanhola.

^v Esta sua proximidade com Espanha teve resultados práticos e visíveis: por pressões das autoridades castelhanas foi eleito abade geral da Ordem de São Bento (Dias, 2002) e, mais tarde, Filipe II apresentou-o como candidato a bispo do Porto (Dias, 2002).

^{vi} Costa, J. (2012) *Manuel de Faria e Sousa: cidadão do mundo e das letras ao serviço de Portugal*. Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território.

^{vii} De nome completo Félix Lope da Veja Carpio (1562-1635). Foi ator, autor, viajante, militar espanhol do "Siglo de Oro", sendo-lhe atribuídas cerca de duas mil obras (Mateus, 2003). Contudo, destacou-se no teatro tendo sido o mais fecundo e popular dramaturgo espanhol com peças cómicas, trágicas e *autos sacramentales*. O seu teatro é sobretudo nacionalista e realista, refletindo melhor que qualquer outro, a sociedade do seu tempo (Delumeau, 1984).

^{viii} Escritor português (século XVI-XVII) de índole camoniano. Entre as suas principais obras destacamos *Éclogas*, de 1605 e *O Condestabre*, de 1610 (Belchior, 2001).

^{ix} Ou Jorge de Montemenor. Foi poeta e novelista português (c.1520-1561), tendo vivido a maior parte da sua vida em Espanha. A sua obra mais célebre foi *Diana*, escrita em castelhano e que teve no século XVI cerca de dezassete edições (Oliveira, 2001).

^x Manuel de Faria e Sousa possivelmente terá escrito mais de cinquenta obras. O próprio o escreve em *Rimas varias* (Sousa, 1685).

^{xi} Historiador e moralista português (1496?-1590). Exerceu diversos cargos públicos entre eles o de governador de São Jorge da Mina. Nas suas obras verificamos o "acrisolado amor da Pátria" (Buescu, 1998, p.323), sendo a obra histórica *Décadas* a mais conhecida. Nesta obra, em vários volumes, João de Barros pretendeu fazer uma história geral de Portugal.

^{xii} Historiador português (1542-1616) que passou a maior parte da sua vida no Oriente português. Foi cronista-mor do reino e continuador da obra *Décadas* de João de Barros tendo escrito dos tomos IV ao XII. Em 1569 regressa a Portugal na mesma nau onde vinha Luís de Camões (Serrão, 1999).

^{xiii} Historiador da Ordem de Cister (1569-1617) e primeiro autor da *Monarchia Lusitana*, onde descreve os primórdios de Portugal desde a origem do mundo até ao conde D. Henrique. Esta sua obra recebeu diversas críticas negativas por ter optado por uma escrita baseada em relatos fantasistas, engenhosas fábulas e na adulteração de documentos, com intuito de manter a esperança portuguesa num tempo dominado pelos Filipes (Serrão, 1998).

^{xiv} Nascido em Lisboa por volta do ano de 1524, foi o mais ilustre representante das letras portuguesas. Foi combatente e escritor. Aliás, foi na sua viagem para Goa como soldado que começou a escrever *Os Lusíadas*, a sua imortal obra. Morreu na terra que o viu nascer no ano de 1580 (Delumeau, 1984).

^{xv} Gedeão foi o guerreiro que libertou Israel dos madianitas . Gedeão recebeu uma experiência com Deus, onde o Anjo do Senhor o chamou para fazer dele o Salvador que libertaria o povo israelita do jugo estrangeiro (Jz, 6).

^{xvi} Este episódio pode ser lido na íntegra numa Bíblia católica, como por exemplo em *Bíblia Pastoral* (1993). Lisboa: Edições Paulinas, pp.288-293.

^{xvii} Ver o capítulo *Vida del Poeta* na obra citada.